

XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – 5 a 9 de setembro de 2005 –
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pistas dos irmãos Garnier – notas sobre a contribuição dos livreiros franceses na formação da literatura infantil e juvenil brasileira¹

Andréa Borges Leão² – Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este artigo tem como objetivo a análise do percurso dos livreiros-editores Irmãos Garnier, notadamente das estratégias de venda, difusão e tradução dos livros franceses no Brasil. Como modelo da política de exportação da indústria editorial francesa e, com isso, de formação do patrimônio de obras necessário ao desenvolvimento de nosso comércio livreiro e autonomia literária, o artigo destaca as coleções para crianças e jovens, apresentadas nos catálogos de venda da livraria carioca de Baptiste-Louis Garnier para o ano de 1858, e de seus sucessores, para 1920. Os Garnier apostaram na longevidade do gênero “clássicos infantis”, reeditando-os e adaptando-os, o que demonstra uma intrincada rede de relações entre sua filial latino-americana e a matriz francesa, bem como os efeitos de um trabalho de formação do gosto literário das crianças e jovens brasileiros.

Palavras-Chave:

História editorial; literatura infantil e juvenil; coleções infantis e juvenis; comércio livreiro

Introdução – O bom negócio dos Garnier Frères: exportação de livros eróticos e religiosos

Não foi uma pura concessão ao consumo de produtos importados, marca do gosto de um público burguês sedento por novidades européias, que orientou a partida do irmão mais novo, Baptiste-Louis Garnier, para difundir o livro francês na América Latina. Para que esse Garnier pudesse migrar para o Brasil e viesse a se tornar o “inventor da literatura nacional”³, o primeiro a remunerar os escritores⁴ e, com isso, ilustrasse a dinâmica difusora

¹ Trabalho apresentado ao NP 04 - Produção Editorial.

² Andréa Borges Leão é doutora em Sociologia, professora do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e atualmente encontra-se cumprindo estágio pós-doutoral em História Cultural na École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris. E-mail: dealeao@secrel.com.br

³ Nas palavras de Jean-Yves Mollier. Entre outras obras, dele consulte: Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XXe siècle. In : Édition, Éditeurs (1) – Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126-127 – Mars 1999.

de modelos da edição francesa no séc. XIX, os outros irmãos Garnier necessitaram trilhar os primeiros passos de um longo e acidentado percurso comercial em Paris. O primeiro da família a chegar à capital foi Auguste-Désiré, em 1824⁵, vindo de Lingreville, uma pequena cidade da Baixa-Normandia. Com pouco tempo, seguem-no os outros três irmãos, François Hippolyte, Pierre-Auguste e Baptiste-Louis. Hippolyte, Auguste e Pierre conseguem a autorização, para cada um, do exercício da profissão de livreiro. Baptiste-Louis parte para o Brasil, instalando-se na Corte do Rio de Janeiro e abrindo sua livraria, em 1844.

Até a compra do prédio para a livraria parisiense no endereço mais *chic* da capital - as galerias do *Palais-Royal* -, em 1837, os três enfrentam muitas dificuldades. O acervo da casa, uma sociedade entre Auguste e Hippolyte, foi sendo formado pouco a pouco e com muito senso de oportunidade. Os dois irmãos adquirem os direitos de venda de outras casas editoras, bem como os fundos comerciais dos que abriam falência e liquidavam todo o estoque. Esses fundos compreendem o mobiliário, os livros e todas as propriedades literárias⁶, quer dizer, os direitos sobre obras, às vezes, de grandes autores. Em 1841, os Garnier adquirem os do editor Delloy, e em 1849, os de Salvat. Com esse, abrem a livraria espanhola Garnier Hermanos. Em seguida, vão enriquecendo seus catálogos com a edição literária própria, de manuais escolares e dicionários. Nesse período, mudam-se para a Rua de Saints-Pères, endereço conhecido dos leitores brasileiros, porque constava na folha de rosto dos livros vendidos na filial carioca. Essas estratégias se acompanhavam da busca de outras fontes de acumulação de capital, como o investimento em ações da bolsa de valores e a compra de imóveis situados nos mais valorizados *boulevards*.

Comprar ações da “caminho de ferro” possibilitava dinheiro vivo nas mãos, mas o melhor negócio, em todos esses anos, foi a venda e exportação de livros e estampas pornográficas. O bom negócio do livro obsceno resultou tão importante e lucrativo quanto o acúmulo de capital social de relações representado pela frequência dos escritores

⁴ Mesmo que através da compra definitiva da propriedade da obra de um escritor. Sobre o teor dos contratos literários da casa carioca, ver: Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras. São Paulo, Ática, 2001.

⁵ De acordo com o documento: Portraits de Libraires – la famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. Assinado por H.C, libraire-expert au Tribunal de la Seine. Paris, impr. A. Fleury, 1913.

⁶ Compreendemos muito bem o que significa, no meado do século XIX, a compra dos fundos comerciais de uma livraria em falência quando examinamos os respectivos contratos. Exemplo de uma grande disputa entre livreiros em torno da propriedade da obra do Conde de Ségur, um escritor católico do século XIX, encontramos nos documentos de compra dos fundos comerciais de M. Cartot e M. Eymery, que decretam falência em 1830, pelos livreiros-impresores MM Fruger et Brunet, em 1831.

românticos em animadas reuniões na livraria do *Palais-Royal*. Para os Garnier, a lógica econômica e a lógica simbólica se equivaliam. Mesmo que as estampas fossem impressas nas tipografias da periferia e vendidas nos esconderijos da loja, foi preciso enfrentar a vigilância policial, censura, multas e ameaças de prisão, em especial Pierre-Auguste, que acabou se especializando no ramo. Segundo Jean-Yves Mollier, dos três irmãos, Baptiste-Louis foi o escolhido para difundir o comércio ilícito na América Latina. A difusão internacional desses livros acompanhava-se dos melhores romances de Alexandre Dumas, Victor Hugo, George Sande, Balzac, assim como essa literatura de última novidade acompanhava-se dos livros de artes militares, religião, filosofia, direito, política, entre outros gêneros e outras línguas, como alemão, italiano, inglês, espanhol, grego e latim.

Outra grande aquisição dos irmãos Garnier foi a editora do abade Migne, famosa pela produção de livros de grande erudição em história e teologia. Isto porque para construir seu império mercantil e a rede de difusão internacional, os livreiros parisienses necessitaram, sobretudo, da exportação de livros religiosos, que formavam as coleções de leituras espirituais e se compunham de catecismos, manuais de práticas piedosas, Bíblias e livros de primeira comunhão, endereçadas ao consumo popular, mas também de uma literatura de alto nível, edificante e moralizante, com exercícios de estilo, destinada a um público mais cultivado e que sabia escrever. Havia uma atenção especial em oferecer livros piedosos às crianças e jovens. As bibliotecas de livros infantis traziam leituras destinadas à interiorização de regras religiosas, boas para a formação da alma infantil e a educação para a devoção. Ao lado das narrativas de viagem, de Gulliver e de todas as variações das Aventuras de Robson Crusoé, bem como das obras contando as maravilhas inventadas pela indústria moderna, a pedagogia da edição católica infantil apontava principalmente para a preocupação em oferecer às crianças brasileiras uma literatura já celebrada e consagrada entre as crianças da Europa. Obras de autores clássicos da literatura infantil e juvenil, na maioria reedições das fórmulas literárias de sucesso no século XVIII, como Berquin, Bernardin de Saint-Pierre, as Mme de Genlis, Le Prince de Beaumont, Guizot e Delafaye-Bréhier, até Cervantes, passaram a ser vendidas na livraria de Baptiste-Louis Garnier.

Os livreiros parisienses sabiam que os novos leitores americanos portavam em si a herança da tradição ibérica e que de há muito eram familiarizados com as obras cristãs, mesmo que, adultos, lessem e admirassem as cenas das brochuras eróticas e baratas. Só

assim estaria resguardado o objetivo maior da casa parisiense - “tocar a alma latina”, que, para o bem de nossa história, significou efetivamente a criação das condições monetárias para a publicação de escritores como José de Alencar e Machado de Assis, Gonçalves Dias e Olavo Bilac. Só assim estaria igualmente resguardado o retorno à moralidade pública, que tanto convinha à casa matriz. Como diz Jean-Yves Mollier⁷, não são nada nobres as origens da acumulação primitiva do capital, ainda que se tratando do comércio de livros.

1. Da França para o Brasil: a loja do Rio de Janeiro e a administração de Paris

Em 24 de junho de 1844, Baptiste-Louis chegava no Rio de Janeiro, a bordo da galera *Stanislas*. De há muito o Brasil ocupava a imaginação dos franceses. Entre eles, havia grande disposição para aprender com as viagens e não menos para se entreter com a leitura de suas narrativas. Desde Jean de Lery⁸, passando pelos missionários jesuítas e pelos artistas, chegando aos contemporâneos Ferdinand Denis e Auguste de Saint-Hilaire e às mulheres de letras, como Julie Delafaye Bréhier, Victorine Monniot e Amélie Schoppe (uma alemã bastante traduzida e imitada na França)⁹, responsáveis pela entrada da colonização americana como tema do livro juvenil, descrevendo-o ou simplesmente supondo-o, os franceses iam escrevendo o Brasil. Naturalizando-o pelo discurso da ciência ou representando-o na ficção romântica, os intelectuais europeus produziam textos, punham um país no processo de produção de imagens, imprimindo-as e publicando-as. Em suas narrativas, crença e desejo, medo e curiosidade revestiam as figuras dos selvagens habitantes dos trópicos, praticantes do canibalismo, objetos da ciência natural, outrora alvos

⁷ Consultei: Mollier, Jean-Yves. *L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920)*. Fayard, 1988. À respeito do retorno à moralidade e as conveniências de natureza econômica e simbólica da exportação de livros religiosos, são igualmente importantes as observações de Parinet, Elisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe – XXe siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2004. Ainda de Mollier, consultei: *La Construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle*. In: *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000. Actes du colloque international*. Sherbrooke 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier. Les Presses de L'université Laval L'harmattan.

⁸ O protestante francês Jean de Léry (1534-1613) empreendeu uma viagem ao Brasil em meados do séc. XVI, no projeto de implantar uma *France Antartique*. Essa experiência que lhe valeu a escrita de uma primeira narrativa de viagem sobre o Brasil, *L'Histoire d'une Voyage fait en la terre du Brésil*.

⁹ Das mulheres de letras que escreveram sobre o Brasil para leitores crianças e jovens, na França do século XIX, cito, respectivamente, as obras: *Portugais D'Amérique. Souvenirs Historiques de la guerre du Brésil en 163, 1847*; *Le Journal de Marguerite – Souvenirs d'enfance à l'île Bourbon (la Réunion 1835-1845)*, 1862 ; *Les Émigrants au Brésil*, 1847. Essa última autora foi uma alemã traduzida e imitada na França.

da catequese religiosa e, agora, dos dispositivos moralizantes da nova pedagogia. A compreensão dos costumes americanos como fato moral ocupava o centro dos debates científicos. Toda a força desse debate é demonstrada no sistema de divisão e classificação do mundo em reinos - animal, vegetal e mineral - operado por esse discurso e representado na escolha das obras para a composição das coleções para crianças e jovens. Do lado da religião, não importava tanto a observação da prática litúrgica e sacramental, mas a difusão de uma cristianização da civilidade¹⁰. Ademais, a França revolucionária horrorizava-se ante a escravidão negra. Os irmãos Garnier deviam ter um conhecimento prévio desse país, antes de fazer a escolha e correr todos os riscos do negócio do livro na capital do vasto Império do Brasil, quase todo de analfabetos.

Baptiste-Louis abriu sua loja no número 69 da Rua do Ouvidor, onde permaneceu até 1878. Trabalhando intensamente, buscou a autonomia relativa dos irmãos em 1857, passando a assinar as publicações com as indicações de B. L. Garnier. Embora nos catálogos de venda para esse mesmo ano e para o precedente, ainda inteiramente em francês, note-se a dependência em relação à casa matriz quando lemos o seguinte aviso ao leitor: “(...) fazemos notar que nossas colagens, sendo confeccionadas em Paris pelos mais hábeis artesãos, e sob os olhos e a vigilância de nossos irmãos, oferecemos as melhores garantias pela solidez, como pela elegância e o bom gosto”¹¹.

O livreiro fazia questão de assinalar que sua loja era a mesma de Paris. Para os brasileiros fascinados pela França, essa tomada de posição era mais que conveniente à legitimidade de que se necessitava revestir os produtos da casa. As técnicas de colagem do papel (*reliure*) não apenas definiam a qualidade da impressão, mas principalmente influenciavam a escolha do leitor e o gosto pela obra. Se Baptiste-Louis conquistou uma autonomia relativa em relação a seus irmãos, a recíproca foi verdadeira. Em 1878, os Garnier de Paris adquiriram os fundos comerciais da livraria portuguesa e espanhola Hamonière oferecendo aos franceses um sortimento de dicionários bilíngües, gramáticas e manuais de conversação, além de romances, livros escolares e literários para crianças, todos

¹⁰ O termo “cristianização da civilidade”, aqui, é utilizado no sentido da entrada das noções religiosas no ensino e aprendizado das regras de conduta moral. Mas ele também pode significar a rejeição da civilidade como polidez mundana em troca às homenagens rendidas a Deus. A esse respeito, consultar: Rouen, le livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse. Musée National de L'Éducation, 1993.

¹¹ Tradução própria. Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1858.

em português. Dentre essas obras à disposição na livraria de Paris, situada na agora denominada “Rua dos Santos Padres”, destaca-se uma assaz interessante Coleção aos Pedacos que, juntando Berquin com João de Barros, Fénelon com Freire de Andrada, ilustra bem a vocação internacional de Hippolyte Garnier. Ademais, essas obras do fundo Hamonière podiam ser enviadas da França para o Brasil já devidamente traduzidas para o português. Note-se que, na folha de rosto desses livros, fora suprimido o endereço brasileiro, constando apenas Livraria de Garnier Irmãos¹².

Ademais, o Rio de Janeiro era a sede de uma corte que sempre mantivera relações culturais bastante próximas com a França. Atestam-no os livreiros Aillaud e Guillard, que, em 1866, assinavam seus catálogos de livros portugueses vendidos em Paris como “livreiros de suas majestades o Imperador do Brasil e El Rei de Portugal”¹³.

No Rio de Janeiro, Baptiste-Louis foi durante muito tempo alvo de intrigas veiculadas nos jornais por imprimir suas publicações nas tipografias utilizadas por seus irmãos, onde mantinha revisores para as provas em português¹⁴. Essa escolha teve motivação comercial. Com uma indústria gráfica incipiente, no Brasil, os livros tinham que ser impressos nas tipografias dos jornais. Apenas em 1873, Baptiste-Louis mandou vir da Europa material de composição e máquinas mais aperfeiçoadas. Contando com o trabalho de Charles Berry, pôde ter sua própria tipografia, a Typografia Franco-Americana. Segundo Hallewel, a livraria Garnier do Rio de Janeiro possuía um corpo de revisores técnicos altamente qualificado. Resta saber se os irmãos franceses, já tendo, a essa altura, acumulado uma grande fortuna imobiliária, enviavam alguma soma em dinheiro para auxiliar as atividades do mais moço, no Rio de Janeiro.

Até chegar ao livro brasileiro e conectar-se, de fato, à lógica comercial e industrial que regia o negócio de seus irmãos em Paris, foi necessário ao franco-americano muito trabalho de tradução e adaptação, destacando-se o estabelecimento de relações com os intelectuais portugueses, como Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, formando vínculos entre o Brasil, a França e Portugal. No Rio, destacavam-se como tradutores, literatos e jornalistas importantes como Salvador de Mendonça, Fernando Reis,

¹² Catálogo de venda com notícias de livros infantis anexas ao livro Paulo e Virgínia, de Bernardim de Saint-Pierre. Paris, Livraria de Garnier Irmãos, 1878.

¹³ Catálogo de venda dos livros portugueses, latinos, franceses, da Casa da V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1866.

¹⁴ De acordo com Hallewell, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo, T. Queiroz, 1985.

Jacinto Cardoso e Ramiz Galvão. Cada edição tinha um preço fixo, o Garnier não admitia abatimentos, o que talvez explique a compra de todos os direitos de publicação dos manuscritos dos escritores com os quais firmava contrato.

A saúde de Baptiste-Louis não sobreviveu à passagem do século. O Garnier falece no dia primeiro de outubro de 1893. Sua livraria tinha o mesmo funcionamento das academias literárias - palco de sociabilidade com poderes de reconhecimento, celebração e consagração de todo escritor aspirante à glória. A partir de 1900, passa a ser local para as reuniões dos mais festejados homens de letras, que na nova loja, cultuam a exibição como valor agregado à sensibilidade e ao gênio. Tudo agora marcado pelas cores e alegrias *bellepoqueanas*, fundando uma sociabilidade tão mais livre quanto superficial, longe do ranço aristocrático característico aos tempos do velho Baptiste-Louis. Hippolyte substitui o irmão mais novo no comando dos negócios, voltando a casa a ser filial da Garnier Frères, de Paris. Hippolyte, que jamais veio ao Brasil, decide enviar um gerente francês para a administração da loja no Rio de Janeiro, prática seguida por seu sucessor e sobrinho Auguste-Pierre. Julian Lansac, o gerente, cujo trabalho com livros era devido a Jacinto Silva, falava mal o português, mas foi responsável pela inauguração do novo prédio da livraria, em 1900. Hippolyte falece em 1911 aos 85 anos de idade e Lansac se demora apenas dois anos no Brasil. Auguste-Pierre, o sucessor da matriz francesa, destaca-se por fundar importantes revistas literárias e por publicar numerosos poemas de inspiração católica. Ao Rio de Janeiro, envia Emile Izard.

Como momentos marcantes da política editorial de Hippolyte destacam-se o sucesso e tradução de *Canaã*, romance de Graça Aranha, em 1902, com sucessivas edições, a tradução para o francês e o espanhol das obras de Machado de Assis, do famoso livro *Porque Eu Me Ufano de Meu País*, do Conde de Afonso Celso. Hippolyte Garnier foi grande difusor da literatura hispano-americana por todo o mundo. Em 1900, a livraria espanhola em Paris era considerada a melhor em obras nessa língua.

A última fase da livraria Garnier no Brasil, que vai dos anos de 1920 até 1934, assinala a prática da reedição de clássicos da literatura, nacional e estrangeira, em coleções de um mesmo autor, estratégia para a ampliação das vendas face à perda de prestígio da cultura francesa. Essa decisão pode igualmente demonstrar as dificuldades financeiras da matriz, uma vez que tendo caído em domínio público não se necessita mais pagar os

direitos de um autor. A livraria Garnier do Rio de Janeiro fecha suas portas em 1934, não resistindo à chegada do jovem livreiro José Olympio, vindo de São Paulo e que também se lança no negócio da importação e tradução de livros. Os fundos da casa francesa no Rio de Janeiro são vendidos a Ferdinand Briquet.

2. Ordenar e classificar: a formação das coleções infantis e juvenis no catálogo de vendas da Livraria Garnier

A ordem interna a um catálogo de venda de livros deve ser interpretada não apenas como o resultado das decisões e escolhas do que vale a pena ser comercializado. Definir e organizar coleções, como, por exemplo, a de livros destinados às crianças e jovens é, antes de tudo, uma operação difusora e transmissora de sistemas de representação, classificação e divisão do mundo que visam a interferir diretamente nas disposições do público leitor¹⁵. Organizar livros em coleções é um modo de estabelecer hierarquias, aproximações e diferenças. Por isso, as estratégias dos livreiros não podem prescindir das expectativas, reais ou supostas, de seus leitores. As coleções supõem modos de apropriação que, por sua vez, são relativos às comunidades de interpretação. Essas comunidades distinguem-se, entre outras propriedades, por certas categorias de percepção do mundo social. Trata-se do estabelecimento de uma relação negociada entre o profissional do livro e o leitor, adulto e criança, que firma um pacto de credibilidade e confiança mútua intermediado pela compra e leitura do livro. Os irmãos Garnier sabiam o que oferecer ao seu público. Para as crianças e jovens brasileiros, apostaram na longevidade dos clássicos da literatura francesa e européia, grande parte reedições de obras do século XVIII e da primeira metade do século XIX, que compravam das mais prestigiadas casas do ramo, como a de Eugene Ardant, de Limoge e a de Alfred Mame, de Tours. Assim como dos parisienses Lehubry e Didier. Como esses editores não possuíam pontos de venda na América Latina, certamente faziam bom negócio com os irmãos Garnier. Afinal, as representações européias que distinguiam os povos americanos do sul não estavam reduzidas ao temor à prática do canibalismo, principalmente

¹⁵ A categoria “sistema de representação do mundo social” é de autoria do sociólogo Pierre Bourdieu. Dele, consultar: *La distancion. Critique sociale du jugement*. Les Éditions de Minuit, 1979.

em um país como o Brasil, que enchia os olhos dos franceses com imagens de ouro, prata e diamantes.

Ordenar e classificar estão na base da formação das coleções infantis e juvenis. Principalmente devido à sua função maior de agir nas disposições, na formação do *habitus*, oferecendo a toda a família modelos de escrita, princípios para a educação doméstica e para a observação da piedade religiosa. Sendo assim, no catálogo de venda da livraria de Baptiste-Louis Garnier de n. 14, denominado “*Livre Classique, D’instruction Publique, D’éducation et Livres Illustrés Pour La Jeunesse*¹⁶ - *En Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Grec, Italien Et Latin*”¹⁷, e anunciado para o ano de 1858, estavam representadas as principais correntes e doutrinas do pensamento francês do século XIX – a moral em ação, a ciência natural e a piedade religiosa. Inteiramente em francês, as obras foram organizadas pela ordem alfabética dos nomes de seus autores. Logo ao primeiro contato, fica claro um sistema de representação construído em torno da legitimidade das obras, que, acima de tudo, ilustra lutas de classificação na escolha dos livreiros responsáveis. Na ordem desse catálogo havia duas grandes séries de representações. A primeira, formada por textos que professavam, ainda que literariamente, instruções morais, ou a interiorização das regras de um catolicismo que se pretendia racional; uma outra, de textos que divulgavam os prodígios e descobertas da ciência natural, e que partiam de autores e narrativas que professavam o cristianismo reformado. Na primeira série, podemos incluir a *Revue Catholique de La Jeunesse*, um compêndio sobre religião, educação, instrução e recreação. Essas obras católicas tinham o distintivo de serem aprovadas pelos comitês eclesiásticos de leitura, verdadeiros tribunais de censura e, por conseguinte, de controle da leitura, aos quais os editores precisavam submeter-se. Na segunda, pode-se incluir tanto o clássico de Mme. Guizot, *Lettres de famille sur l’éducation*, um romance epistolar de inspiração rousseauiana e que versa sobre as virtudes naturais da educação infantil, quanto o curioso título *La Nature et ses Productions, ou Entretiens sur L’histoire Naturelle*, que igualmente mostra todas as influências do “homem natural”. Ambos os modelos realçam as preocupações adultas em colocar a “moral em ação”, na leitura das crianças e jovens. Essa

¹⁶ É interessante notar que a indicação *Pour la Jeunesse* pode contemplar obras destinadas tanto às crianças quanto aos jovens, que são os adolescentes.

¹⁷ Tomamos para análise somente a lista de livros da tradição literária francesa e que partiram para o Brasil, visto que os livros nos outros idiomas eram basicamente escolares, manuais, dicionários, gramáticas, etc.

estratégia de agrupamento de livros ilustra uma lógica de produção textual, mas também o modo como as idéias européias eram apropriadas no Brasil de meados do século XIX.

Malgrado todo a empresa classificatória dos Garnier, uma obra como o romance histórico *Les Portugais d'Amérique - Souvenirs historique de la guerre du Brésil en 1635*, em que a autora, Julie Delafaye Brehier, aproveitando-se da narrativa da ocupação holandesa em Olinda, tece uma trama sobre as relações coloniais brasileiras, pondo em linguagem sistemas de referências próprios aos personagens colonos portugueses, índios americanos e escravos negros, pode não encontrar lugar determinado nesse sistema de representação posto em jogo no catálogo. Sua complexidade deve-se à propagação para a juventude de princípios cristãos, tanto católicos como reformados.

Quando abrimos esses documentos, os catálogos de venda, de ordem assumidamente comercial e passamos ao exame mais detalhado de seu *corpus*, logo percebemos alguns critérios que definem sua organização. O primeiro é repetir certas obras em outras coleções, talvez sinalizando prudência comercial - quais as garantias de que as crianças brasileiras iriam aderir, de pronto, aos livros franceses da Rua do Ouvidor? Acima de tudo, elas precisavam ser providas de famílias de elite e saber ler ou entender a audição no idioma de Berquin. Como lembra Jean Hébrard¹⁸, a transformação dos clássicos de uma “literatura semi-educativa” em literatura infantil só foi possível pelo recurso de sua cobertura em belas capas ilustradas, tornando-os bastante caro e, assim, destinando-os ao consumo dos filhos das famílias burguesas. Os Garnier deviam se perguntar: qual é o lugar exato para as Aventuras de Robson Crusóé, o clássico de Daniel De Foe, para os contos católicos de Schmid (o cônego), para os contos de Perrault ou o romance de Swift, as famosas Viagens de Gulliver? Esses livros junto aos nomes de seus autores também figuravam no catálogo de n. 11 - “*Romans Illustrés*”. Um outro critério traduz-se no esforço dos responsáveis em propor uma divisão temática para a apresentação dos títulos. Mesmo que essa divisão não venha assinalada, nota-se a iniciativa em categorizar gêneros textuais, já tentando separar o que é considerado didático do que é literário, e, assim, esses livreiros franceses dão início ao longo processo de acumulação do patrimônio necessário à formação de um campo literário produtor destinado ao público infantil e juvenil. Afinal,

¹⁸ Como a Biblioteca Chegou à Escola: evolução das políticas de leitura escolar na França do século XX. INRP (Serviço de História da Educação) e C.N.R.S, Paris.

seria preciso inventar uma tradição. Ainda do ponto de vista de sua organização interna, o documento mostra todo o sortimento de que dispunham os Garnier em seus fundos comerciais e as inúmeras possibilidades de negócios com outras casas editoras especializadas em bibliotecas infantis.

Constando de aproximadamente duzentos títulos, entre livros instrutivos e recreativos, álbuns ilustrados para as crianças, as obras que compõem o catálogo de vendas de n. 14 destacam-se, sobretudo, pelo ecletismo e variedade. Essa última característica certamente revela toda o cuidado que os Garnier sabiam precisar manter em relação às práticas de consumo do novo público brasileiro, talvez pouco habituado à leitura.

Os livros dessa coleção podem ser divididos no seguinte agrupamento temático, com destaque para as obras mais representativas¹⁹:

1. Episódios históricos – *Beautés de l’histoire de France*, de Blanchard;
2. Clássicos da literatura, incluindo romances, contos, poesias e aventuras – *Don Quixotte de la Manche*, de Cervantes, *L’ami des enfants et des adolescents*, de Berquin, *Aventures de Robinson Crusoé*, de Foe, *Contes de Fées*, de Perrault;
3. Tratados literários de educação – *Lettres des famille sur l’éducation*, de Mme Guizot ;
4. Narrativas de viagem, com enredos descritivos ou ficcionais – *Voyages de Gulliver*, de Swift, *Voyages en Zigzag*, de Topffer, *Voyage illustré dans les cinq parties du monde*, de Adolphe Joanne;
5. Literatura edificante, onde as lições de moral ganham o colorido da ficção – *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint Pierre;
6. Biblioteca de contos cristãos, mas que não se compõe de manuais de prática religiosa, catecismos, missais, livros de primeira comunhão – *Bibliothèque de la jeunesse chétienne*;
7. Imitação dos clássicos, releituras e versões adaptados – *Le Robinson Suisse*, de Wyss, e *Le Robinson des sables du désert*, de Mirval;
8. Narrativas exemplares, biografias de personagens célebres ou anônimos – *Enfances Célèbres*, de Mme Louise Colet;

¹⁹ Esse agrupamento já vem suposto no próprio título do catálogo de n. 14. Vele notar que mesmo com uma referência à instrução pública, na coleção não encontramos manuais didáticos.

9. Fábulas – *Fables*, de La Fontaine;

10. Álbuns ilustrados ou livros para criancinhas – *Livres des petits enfants*.

Não havia uma preocupação em definir a infância e a juventude em classes de idades. Esses livros tanto eram destinados às crianças e jovens franceses quanto aos brasileiros, em uma clara estratégia de estabelecer entre essas duas comunidades um universo cultural comum. O objetivo revelado da oferta de livros franceses para jovens brasileiros poderia ser, além da já comentada intenção de “tocar a alma latina”, a imposição de modelos de leitura que, malgrado o teor de colonização cultural, poderia produzindo muitos outros efeitos, como o enriquecimento da vida intelectual dos novos leitores, a formação de um gosto e de uma prática da escrita. Nas advertências e notícias bibliográficas assinaladas nesse catálogo sobressai a demanda dos livreiros à participação dos adultos intermediários, exemplo dos títulos que versam sobre educação, muitas vezes mais dirigidos aos pais.

Conclusão – O catálogo para o ano de 1920: aposta na longevidade dos clássicos da literatura infantil e juvenil

Uma vez tendo conquistado a legitimidade para os clássicos infantis europeus que importavam e vendiam desde meados do século XIX até bem entrado o século XX e, em consequência, preservado um capital literário, os Garnier do Brasil passam a investir no trabalho de tradução. Não sabemos ao certo quando publicam as primeiras versões para o português de tão charmoso repertório de livros. Mas, ainda no final do século XIX, uma questão de ordem estilística se impõe à família: como enfrentar o “envelhecimento do estilo” de obras com um século ou mais de existência? De que modo perpetuar o gosto do leitor, tornando esses títulos perenes e, portanto, sempre atuais? De Paris, os Garnier respondem – intervindo no texto, adaptando-o ao gosto do momento, reescrevendo-o, se necessário. Quer dizer, quando os livreiros passam a reeditar o livro infantil aproveitam para se iniciar em um trabalho de adaptação dos textos. Na nota de advertência ao livro de Mme de Genlis, *Le Veillées du Chateau*, de 1880, os Garnier franceses declaram terem feito desaparecer os “detalhes inúteis”, as imperfeições do que entendem como sendo um “labirinto de conversação”, recursos típicos de uma literatura de feição romântica.

Suprimir, corrigir, adicionar passagens aos textos que recebem, são as novas funções dos irmãos livreiros-editores. Dizem ainda terem feito as mudanças com reserva, sem tocar na estrutura da obra.

Talvez essa tenha sido a mesma orientação seguida pelos gerentes responsáveis pela livraria-editora do Rio de Janeiro. No Catálogo Geral da Livraria Garnier carioca para o ano de 1920, há uma Biblioteca Infantil e uma Biblioteca da Juventude compostas de basicamente os mesmos títulos que figuravam no acervo da casa de meado do século precedente. Inteiramente em português, destacam-se algumas traduções dos clássicos franceses feitas por Pinheiro Chagas, Teófilo Braga e Ramiz Galvão. Dos dois primeiros, são as Fábulas de La Fontaine, do terceiro, Novena da Candelária, de Charles Nodier.

A organização desse catálogo para o ano de 1920 insiste na durabilidade da coleção de livros da tradição literária européia, o que demonstra que a empresa dos irmãos Garnier para o novo público brasileiro portava um projeto intelectual que, certamente, deu sua contribuição para a formação de uma cultura para a infância e a juventude.

Referências bibliográficas:

Bourdieu, Pierre. *La distanction. Critique sociale du jugement. Les Éditions de Minuit*, 1979.

Catalogues de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1857, 1858, 1920. *Bibliothèque Nationale de France*.

Catálogo de vendas da livraria de Garnier Irmãos, 1878. *Bibliothèque Nationale de France*.

Catálogo de vendas dos livros portugueses, latinos e franceses da Casa de V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia, 1866. *Bibliothèque Nationale de France*.

Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil; sua história*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985

Hébrard, Jean. Como a biblioteca chegou à escola: evolução das políticas de leitura na França do século XX. INRP (Serviço de História da Educação) e C.N.R.S, Paris.

Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. *O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras*. São Paulo, Ática, 2001.

Mollier, Jean-Yves. *La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle*. In : *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000. Actes du Colloque International. Sherbrooke, 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier.*

Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XIXe siècle. In : *Éditions, Éditeur (1). Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126 – 127 – mars, 1999.*

L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920). Fayar, 1998.

Painet, Elisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe – XXe siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2004

Portraits de Libraires – La famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. H. C. Libraire-expert du Tribunal de la Seine. Paris, impr. A. Fleury, 1913.

Rouen, livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse. Musée National de L'Éducation, 1993.